

A CASA DAS SETE TORRES

Nathaniel Hawthorne

Tradução de
David Jardim Júnior

Título original: The House of the Seven Gables

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Ilustrações de capa e boxe: Stefano Marra

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H326c Hawthorne, Nathaniel, 1804-1864
2. ed. A Casa das Sete Torres / Nathaniel Hawthorne ; tradução David Jardim Júnior. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2019.
(Box Clássicos Góticos)
304 p.
Tradução de: The House of the Seven Gables
ISBN 9788520945728

1. Ficção americana. I. Júnior, David Jardim. II. Título. III. Série.

19-55242

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Ficha catalográfica

Nota da Editora

Prefácio do Autor

Capítulo I. A velha família Pyncheon

Capítulo II. A pequena vitrine

Capítulo III. O primeiro freguês

Capítulo IV. Um dia atrás do balcão

Capítulo V. Maio e novembro

Capítulo VI. O poço de Maule

Capítulo VII. O hóspede

Capítulo VIII. Os Pyncheon de hoje

Capítulo IX. Clifford e Phoebe

Capítulo X. O quintal dos Pyncheon

Capítulo XI. A janela em arco

Capítulo XII. O artista do daguerreótipo

Capítulo XIII. Alice Pyncheon

Capítulo XIV. O adeus de Phoebe

Capítulo XV. A carranca e o sorriso

Capítulo XVI. O quarto de Clifford

Capítulo XVII. O voo de duas corujas

Capítulo XVIII. O governador Pyncheon

Capítulo XIX. Os ramalhetes de Alice

Capítulo XX. A flor do Éden

Capítulo XXI. A partida

Colofão

NOTA DA EDITORA

A tradução literal do título original deste livro deveria ser “A Casa dos Sete Oitões”. Entretanto, como o termo “oitão” é desconhecido para a grande maioria dos leitores brasileiros, optamos por uma versão menos correta, mas certamente mais poética e de acordo com o espírito da obra: *A Casa das Sete Torres*.

PREFÁCIO DO AUTOR

Quando um escritor chama sua obra de romance, nem é preciso dizer que ele reclama uma certa amplitude, tanto no que diz respeito ao estilo como ao assunto, que quer deixar claro que não está escrevendo uma novela. Presume-se que esta última forma de composição visa a uma fidelidade assaz minuciosa, não meramente para com o possível, mas para com o curso provável e ordinário da experiência humana. A outra — ao mesmo tempo que, como obra de arte, deve estar rigorosamente sujeita às suas leis, e ao mesmo tempo em que cometerá um imperdoável pecado caso se afaste da verdade do coração humano — tem pleno direito de apresentar a verdade, em grande parte, de acordo com circunstâncias dependendo da própria escolha ou criação do escritor. Se ele assim se enquadra, também pode dispor o seu ambiente de maneira a suavizar as luzes e aprofundar e enriquecer as sombras da pintura. Sem dúvida, será bastante sensato para usar muito moderadamente os privilégios aqui enumerados, e, em particular, associar o maravilhoso antes como condimento leve, delicado, evanescente, do que como parte da substância real da iguaria que oferece ao público. Dificilmente se poderia dizer, todavia, que ele comete um crime literário se chegar mesmo a descuidar-se de tal precaução.

Na presente obra, o autor se propôs — mas com que sucesso não está, felizmente, ao seu alcance julgar — a se manter com todo o rigor dentro de suas imunidades. O ponto de vista de que esta narrativa se enquadra na definição de romance reside na tentativa de relacionar uma era de fantasia com o próprio presente que se afasta de nós. É uma lenda

que se prolonga, vinda de uma época hoje já nevoenta pela distância, até a viva luz solar dos nossos dias, e trazendo consigo algo de sua névoa legendária, que o leitor, de acordo com o seu próprio gosto, poderá ou sequer levar em consideração, ou permitir que flutue quase imperceptivelmente em torno dos personagens e dos acontecimentos, em troca de um efeito pitoresco. A narrativa, talvez, se reveste de tão modesta contextura que exige tal recurso, o qual, se é vantajoso, ao mesmo tempo torna mais difícil a consecução.

Muitos escritores dão grande ênfase a algum objetivo moral bem-definido, que têm como a finalidade de suas obras. Para não se mostrar faltoso a esse respeito, o autor se armou de uma moral: a verdade quer dizer que o mal cometido por uma geração vive nas gerações sucessivas e, despindo-se de todas as vantagens temporárias, torna-se um puro e irresistível mal; e sentir-se-ia singularmente gratificado se este romance pudesse de fato convencer a humanidade — ou, melhor ainda, cada homem — da loucura de lançar uma avalanche de ouro, ou imóveis, mal adquiridos, na cabeça da infortunada posteridade, estropiando-a e esmagando-a, até que a massa acumulada seja espalhada em seus átomos originais. Com toda a boa-fé, contudo, não é ele dotado de imaginação suficiente para acalentar a menor esperança nesse sentido. Quando, na verdade, os romances ensinam algo, ou produzem algum efeito palpável, isso ocorre, em via de regra, por meio de um processo muito mais sutil que o ostensivo. Assim sendo, o autor achou que dificilmente valeria a pena enquadrar inexoravelmente o enredo em sua moral, como se o prendesse a uma haste de ferro — ou melhor, espetando-o com um alfinete como se fosse uma borboleta — e, de tal modo, o privando de vida e levando-o a se enrijecer em uma atitude desgraciosa e pouco natural. Uma alta verdade, de fato, correta, bela e habilmente formulada, iluminando a cada passo e coroando o desfecho de uma obra de ficção, pode acrescentar uma glória artística, porém nunca é mais verdadeira, e raras vezes pode ser mais evidente, na última página do que na primeira.

Talvez o leitor possa escolher uma localização real para os acontecimentos imaginários desta narrativa. Se lhe fosse permitido pela conexão histórica — que, embora leve, era essencial ao seu plano — o autor teria, de boa vontade, evitado qualquer coisa dessa natureza. Para não se falar de outras objeções, isso expõe o romance a uma inflexível e perigosíssima espécie de crítica, colocando as descrições imaginárias quase que em um contato positivo com as realidades do momento. Não teve ele, todavia, o propósito de descrever costumes locais, nem, de modo algum, imiscuir-se nas características de uma comunidade à qual dedica o devido respeito e uma natural consideração. Está certo de que não será considerado um imperdoável ofensor traçando uma rua que não afeta o direito de quem quer que seja, apropriando-se de um terreno sem proprietário visível e construindo uma casa com materiais de há muito usados na construção de castelos no ar. Os personagens da narrativa — embora se apresentem como da velha estirpe e destacada posição — são, na verdade, confecções do próprio autor, ou, de qualquer maneira, por ele próprio preparados; as suas virtudes podem não ter grande lustre, nem os seus defeitos podem concorrer, de qualquer maneira, para desacreditar a venerável cidade da qual se declaram habitantes. O autor ficaria satisfeito, portanto, se — especialmente no setor a que faz alusão — o livro fosse lido e considerado estritamente como um romance, tendo muito mais a ver com as nuvens que estão no alto do que com qualquer parte do chão real do Condado de Essex.

Lenox, 27 de janeiro de 1851

I

A velha família Pyncheon

Mais ou menos na metade de uma rua transversal de uma das pequenas cidades da nossa Nova Inglaterra, fica uma velha, decadente casa, com sete torres pontudas, viradas para os vários pontos da bússola, e uma pesada e enorme chaminé no meio. A rua se chama rua Pyncheon; a casa é a velha Casa dos Pyncheon; e um olmo, de tronco muito largo, que cresce diante da porta, é conhecido por todos os habitantes da cidadezinha pelo nome de Olmo dos Pyncheon. Em minhas ocasionais visitas àquela cidade, nunca deixei de descer a rua Pyncheon, para ter oportunidade de passar à sombra das duas antiguidades: o frondoso olmo e a decrépita casa.

O aspecto da venerável mansão sempre me impressionou como se tivesse uma expressão humana, trazendo não apenas os sinais das tempestades e da luz do sol, mas criada também pelo longo transcurso de vida mortal e pelas vicissitudes transcorridas dentro daquelas paredes. Se devidamente recontadas, constituiriam uma narrativa bastante interessante e instrutiva, apresentando, além disso, uma certa notável unidade, que quase parecia resultar de uma disposição artística. A história, porém, teria de abranger uma série de acontecimentos se estendendo pela maior parte de um período de dois séculos, que, escrita com razoável amplitude, encheria um grande volume in-fólio, ou uma longa série de in-duodécimos, que corresponderiam aos anais da Nova Inglaterra durante um período semelhante. Em consequência, torna-se imperioso reduzir a obra, aproveitando a maior parte das tradições tendo por tema a velha Casa dos Pyncheon, também chamada a Casa das Sete

Torres. Assim sendo, apresentando um breve relato das circunstâncias que rodearam a construção da casa e uma rápida descrição de sua exótica aparência, enegrecida pelas rajadas do predominante vento leste — salientando, também, aqui e ali, alguns pontos de seu telhado e de suas paredes onde o musgo se mostra mais verdejante —, começaremos a verdadeira ação de nossa narrativa em uma época não muito distante dos dias atuais. Ainda assim, haverá uma ligação com o longínquo passado — uma referência a personalidades e acontecimentos esquecidos e a costumes, sentimentos e opiniões que se tornaram quase obsoletos — que, se adequadamente transmitida ao leitor, servirá para mostrar quantos velhos materiais contribuem para renovar a vida humana. Com isso, também poder-se-á tirar uma valiosa lição da pouco divulgada verdade de que a atuação da geração passada é o gérmen que pode e deve produzir um bom ou um mau fruto em um longínquo futuro; que, ao lado da semente de uma safra meramente temporária, que os mortais chamam de conveniência, inevitavelmente se mostram as glandes de uma vegetação mais duradoura, capaz de lançar uma sombra escura sobre sua posteridade.

A Casa das Sete Torres, velha como agora se mostra, não foi a primeira habitação erguida por homem civilizado exatamente no mesmo chão. A rua Pyncheon anteriormente trazia a denominação mais humilde de caminho de Maule, nome do primeiro ocupante do terreno, de cuja porta da choupana partia um estreito trilho. Uma fonte natural de água doce e saudável — um tesouro raro na península marítima onde se erguera a colônia puritana — bem cedo induzira Matthew Maule a construir naquele ponto a sua rude choupana, embora ficasse bem longe do que era então o centro da aldeia. Com a expansão da cidade, porém, depois de uns trinta ou quarenta anos, o local coberto por aquela pobre moradia tornou-se bem apetecível aos olhos de um personagem proeminente e poderoso, que apresentou plausíveis pretensões à propriedade daquele terreno e do adjacente, com base em uma concessão partida do poder legislativo. O pretendente, coronel Pyncheon, segundo

podemos deduzir de suas feições que foram preservadas, caracterizava-se por uma férrea força de vontade. Matthew Maule, por outro lado, embora fosse um homem humilde, era teimoso na defesa do que considerava seu direito; e, durante vários anos, conseguiu defender o acre ou dois de terra, que, com o seu próprio trabalho, transformara de floresta virgem em plantação e residência. Não se conhece relato algum escrito sobre aquele litígio. O que conhecemos a seu respeito se deve principalmente à tradição. Seria, pois, imprudente e possivelmente injusto aventurar-se uma opinião decisiva quanto ao seu mérito; de qualquer maneira, parece ter sido pelo menos admissível que as pretensões do coronel Pyncheon foram indevidamente alargadas, a fim de abrangerem a modesta propriedade de Matthew Maule. O que grandemente fortalece tal suspeita é o fato de que aquela controvérsia entre dois antagonistas tão desiguais — além disso ocorrida durante uma época em que, pelo que sabemos, a influência pessoal tinha muito mais peso do que tem hoje — ficou durante anos sem que se decidisse e só terminou com a morte do ocupante do terreno disputado. As circunstâncias de sua morte também são encaradas hoje de maneira diferente do que o foram há um século e meio. Foi uma morte que lançou um estranho horror sobre o humilde nome do dono da choupana e fez parecer um ato quase religioso passar o arado sobre a diminuta superfície de sua habitação e riscar o seu lugar e a sua memória do convívio dos homens.

Em resumo: o velho Matthew Maule foi executado pelo crime de feitiçaria. Foi um dos mártires daquele terrível embuste, que nos deveria ensinar, entre as suas outras lições, que as classes influentes, e aqueles que atribuem a si mesmos o papel de dirigentes do povo, estão plenamente sujeitos a todos os desvarios da paixão que sempre caracterizaram as turbas mais insensatas. Clérigos, juízes e estadistas — as pessoas mais sábias, mais serenas, mais santas da época — colocavam-se no círculo estreito em torno das forcas, aplaudiam bem alto a sangrenta tarefa, incapazes de se confessarem miseravelmente enganados. Se algo de sua

conduta pudesse merecer menos censura do que o resto, seria a singular indiscriminação com que perseguiram não apenas os pobres e os velhos, como nos anteriores massacres judiciais, mas pessoas de todas as categorias; seus próprios iguais, irmãos e esposas. No meio da desordem de tão variada ruína, não é de se admirar que um homem sem importância como Maule tenha seguido o caminho do martírio até o morro da Forca, sem ser notado no meio da multidão das outras vítimas. No entanto, mais tarde, quando se acalmara o frenético furor daquela época hedionda, lembrou-se quão ruidosamente o coronel Pyncheon se juntara à gritaria geral reclamando que se livrasse a Terra da feitiçaria; e nem deixou de ser sussurrado que havia uma fúria especial no zelo com que ele procurava a condenação de Matthew Maule. Era bem sabido que a vítima reconheceria a veemência da inimizade pessoal no comportamento de seu perseguidor para com ele e que sabia estar condenada à morte por causa de seus despojos. No momento da execução, com a corda em torno do pescoço, e enquanto o coronel Pyncheon, montado a cavalo, contemplava ferozmente a cena, Maule se dirigiu a ele do cadafalso e fez uma profecia, da qual a história, assim como a tradição oral, conservou as próprias palavras.

— Deus — disse o moribundo, apontando o dedo, com uma expressão sombria no rosto, para a fisionomia impassível do inimigo. — Deus lhe dará sangue para beber!

Depois da morte do suposto feiticeiro, a sua modesta moradia caiu como presa fácil nas garras do coronel Pyncheon. Quando, porém, se soube que o coronel tencionava levantar uma mansão da família — espaçosa, cuidadosamente feita em madeira de lei e calculada para durar por muitas gerações de sua posteridade — no espaço antes ocupado pela humilde choupana de Matthew Maule, muita gente meneou a cabeça, durante os dias que se passaram na aldeia. Sem de modo algum expressar uma dúvida no sentido de que o resolutivo puritano deixara de agir como homem consciencioso e íntegro durante todo o processo, as pessoas insinuavam que ele iria construir a sua casa sobre um túmulo agitado. O

seu lar abrangeria o lar do bruxo morto e enterrado e daria assim ao seu fantasma uma espécie de privilégio para assombrar aquela nova morada e os quartos aonde os noivos futuros conduziriam as esposas recém-casadas e onde nasceriam as crianças do sangue de Pyncheon. O terror e a hediondez do crime de Maule e a implacabilidade do seu castigo escureceriam as paredes pintadas de novo e as infestariam com o cheiro de uma velha e melancólica casa. Por quê, então — por quê, quando tantas terras em torno se cobriam com as folhagens da floresta virgem — preferia o coronel Pyncheon um lugar que já fora amaldiçoado?

O soldado e magistrado puritano, porém, não era homem que abandonasse seu bem-arquitetado plano, quer por medo da maldição do feiticeiro, quer por vãos sentimentalismos de qualquer natureza, por mais especiosos que fossem. Se lhe tivessem falado que o lugar era insalubre, ele poderia se assustar; mas, quanto a ser mal-assombrado, estava disposto a enfrentar o espírito do mal em seu próprio terreno. Revestido de senso comum, como em maciços e duros blocos de granito ligados uns aos outros pela inflexível rigidez do objetivo, como se se tratasse de grampos de ferro, Pyncheon levou avante o seu propósito original, provavelmente como se nem existisse objeção ao mesmo. No que se referia à delicadeza ou qualquer escrúpulo que uma sensibilidade mais apurada lhe teria incutido, o coronel, como a maior parte de sua raça e de sua geração, era impenetrável. E, assim sendo, tratou de escavar o seu porão e de plantar profundamente os alicerces de sua mansão no pedaço de terra que Matthew Maule capinara pela primeira vez quarenta anos antes. Foi curioso e, na opinião de algumas pessoas, de mau agouro o fato de que, logo depois que os operários começaram o seu trabalho, a água da fonte mencionada antes perdeu de todo as vantagens de sua qualidade anterior. Seja que os seus mananciais tivessem sido afetados pela profundidade da escavação, seja que alguma coisa mais sutil as tenha perturbado, o fato é que a água do poço de Maule, como continuou a ser chamado, se tornou escura e áspera. E assim continua até hoje; qualquer

velha da vizinhança informará que ficará passando mal do intestino quem ali resolver matar a sede.

O leitor pode achar estranho que o mestre carpinteiro do novo prédio tenha sido, nem mais nem menos, o filho do próprio homem do qual, com a morte, fora arrebatada a propriedade. É bem possível que ele fosse o melhor profissional na ocasião ou, talvez, o coronel tivesse achado conveniente, ou fosse impelido por algum bom sentimento, afastar assim abertamente a animosidade contra a família do destruído antagonista. E nem está muito em desacordo com a grosseria e o pragmatismo dos costumes da época admitir que o filho estivesse disposto a ganhar um dinheirinho honesto, ou melhor, uma quantia mais em conta, tirada da bolsa do mortal inimigo de seu pai. Seja como for, o fato é que Thomas Maule se tornou o arquiteto da Casa das Sete Torres e tão fielmente cumpriu o seu dever que o madeirame armado por suas mãos está resistindo até hoje.

E assim foi construído o casarão. Nítida como se encontra tal casa na memória do autor — pois lhe foi objeto de curiosidade desde a infância, tanto como exemplo da melhor e mais destacada arquitetura de uma época bem antiga como por ter sido cenário de acontecimentos plenos de interesse humano, mais talvez que os de um castelo feudal — nítida como está em sua memória a casa em sua decadente velhice, se torna para ele difícil imaginá-la bem novinha, quando primeiro se expôs à luz do sol. A impressão causada pelo seu estado atual, a distância de 170 anos, inevitavelmente escurece a descrição que gostaríamos de fazer de seu aspecto na manhã em que o magnata puritano convocou todos os habitantes da cidade como seus convidados. Iria realizar-se a cerimônia da bênção não somente religiosa, mas também festiva. Uma prece e um sermão do reverendo sr. Higginson, e o arremesso de um salmo, lançado pelas gargantas de toda a comunidade, se tornaram mais aceitáveis para os sentidos mais grosseiros, graças à profusão de cerveja, sidra, vinho e aguardente, e, como algumas autoridades admitiram, pelo peso e substância de um boi, bem aproveitado em suas partes mais saborosas. A

carcaça de um veado, abatido a menos de vinte milhas dali, fornecera o material suficiente para encher a vasta circunferência de uma empada. Um bacalhau de sessenta libras, pescado na baía, fora dissolvido em um caldo ricamente temperado. Em resumo, a chaminé da nova casa, soltando a fumaçada da cozinha, enchia a atmosfera do cheiro de carnes variadas de quadrúpedes, aves e peixes, condimentadas com fartura de ervas odoríferas e cebolas. O próprio cheiro de tal festa, abrindo caminho até as narinas de todo o mundo, constituía, ao mesmo tempo, um convite e um aperitivo.

O caminho de Maule, ou a rua Pyncheon, como era agora mais decorosamente chamado, ficou repleto na hora marcada, como se se tratasse da congregação a caminho da igreja. Todos, ao se aproximarem, levantavam os olhos para o imponente edifício, pronto a assumir o seu destacado papel entre as habitações da humanidade. Lá estava ele, um pouco afastado do alinhamento da rua, mas cheio de orgulho, e não de modéstia. Todo o seu visível exterior era ornamentado com estranhas figuras concebidas como grotescas fantasias góticas e pintadas ou estampadas no reboco brilhante, formadas por cal, cascalho ou pedacinhos de vidro, os quais enchiam o madeiramento das paredes. Em cada lado, as sete torres apontavam abruptamente para o céu e ofereciam o aspecto de toda uma irmandade de edifícios, respirando através das espirais de uma grande chaminé. As muitas rótulas, com as suas pequenas vidraças em forma de losangos, deixavam entrar a luz solar no vestíbulo e na sala, enquanto, por outro lado, o segundo pavimento, projetado acentuadamente sobre a base, mergulhava em uma certa penumbra os aposentos de baixo. Sob as saliências dos andares viam-se globos de madeira entulhados. Em cada uma das sete pontas do telhado havia hastes de ferro espiraladas. Na parte triangular da torre que dava frente para a rua, fora colocado, naquela própria manhã, um relógio de sol e lá estava sendo marcada a primeira hora de uma história que não seria, de modo algum, brilhante. Em torno, viam-se espalhados aparas, lascas, cascalho e pedaços quebrados de tijolos; tudo isso, de mistura com a terra

removida, e na qual o capim ainda não começara a crescer, contribuía para dar um aspecto de estranheza e novidade a uma casa que ainda teria de ocupar o seu lugar entre os interesses cotidianos dos homens.

A entrada principal, quase tão larga quanto a porta de uma igreja, ficava em um ângulo entre as duas torres da frente e era coberta por um pórtico aberto, a cuja sombra havia alguns bancos. Sob aquela cúpula arqueada, limpando os pés na soleira ainda não usada, agora pisavam os clérigos, os anciãos, os magistrados, os diáconos e todos os demais representantes da aristocracia que havia na cidade ou no condado. Para além, acotovelava-se a plebe, tão à vontade quanto os seus superiores e em número muito maior. Logo dentro da entrada, porém, encontravam-se dois criados, encaminhando alguns dos convidados para os lados da cozinha e outros para os aposentos mais distintos — hospitaleiros para com todos, mas sempre com um olhar perscrutador, para verificar a categoria mais alta ou mais baixa de cada um. Roupas de veludo, escuras mas ricas, golas e faixas bem engomadas, luvas bordadas, barbas veneráveis, a pose e a fisionomia autoritárias tornavam fácil distinguir os homens de categoria daquele tempo do pequeno comerciante, com o seu ar preocupado, ou do trabalhador, com seu casaco de couro, entrando desapontado na casa que talvez ajudara a construir.

Uma circunstância pouco auspiciosa despertou um maldisfarçado constrangimento em alguns dos visitantes mais exigentes. O fundador da imponente mansão — cavalheiro conhecido por sua inequívoca e insistente cortesia — deveria, certamente, ter ficado à porta de sua casa e cumprimentar em primeiro lugar as muitas eminentes personalidades que se apresentavam para honrar a sua festa. No entanto, ele estava invisível; nem o mais importante dos convidados o vira. A remissão do coronel Pyncheon se tornou ainda mais inexplicável quando o segundo dignatário da província apareceu e não foi recebido com maior cerimônia. O vice-governador, embora a sua visita constituísse uma das glórias previstas para aquele dia, apeou de seu cavalo, ajudou sua senhora

a descer de seu silhão e atravessou a soleira da mansão sem outra recepção além daquela do criado principal.

Tal personagem — um homem grisalho, com um ar tranquilo e distinto — achou necessário explicar que o seu patrão ainda se encontrava em seu escritório, ou em seus aposentos; ao entrar, uma hora antes, expressara o desejo de não ser perturbado.

— Não está vendo, seu moço — disse o xerife-chefe do condado, tomando o criado de parte —, que este senhor não é outro senão o vice-governador? Vá chamar o coronel Pyncheon imediatamente! Sei que ele recebeu cartas da Inglaterra esta manhã; e, por causa delas, passou-se uma hora sem que ele notasse. Mas estou certo de que ficaria muito aborrecido se você o deixasse descuidar-se da cortesia devida a um dos nossos principais governantes e que, pode-se dizer, representa o rei Guilherme na ausência do próprio governador. Vá chamá-lo, imediatamente!

— Vossa Excelência me desculpe — replicou o outro, realmente perplexo, mas com a teimosia que indicava flagrantemente a severidade da obediência exigida pelo coronel Pyncheon. — As ordens de meu patrão são rigorosas. E, como Vossa Excelência sabe, ele não admite a menor desobediência por parte de quem está a seu serviço. Quem quiser que se atreva. Eu é que não tenho coragem de ir chamá-lo, nem se o próprio governador me mandasse!

— Ora, ora, seu xerife-chefe! — exclamou o vice-governador, que ouvira a conversa e se sentia bastante importante para brincar um pouco com a sua dignidade. — Eu mesmo cuidarei disso. Já é mais do que hora para que o bom coronel venha receber os seus amigos; do contrário, é até o caso de se desconfiar que ele tenha tomado um pouco demais de seu vinho das Canárias, na convicção de que este dia merece ser bem comemorado! Mas, já que ele está muito atrasado, eu mesmo me encarrego de ir fazê-lo se lembrar!

E, assim tendo dito, caminhou com passos solenes de suas botas rangedeiras, cujo ruído se fazia ouvir até a mais remota das sete torres, e

avançou rumo à porta que o criado apontou, fazendo os batentes ressoarem com uma pancada forte e decidida. Depois, olhando em torno, sorridente, para os espectadores, ficou esperando a resposta. Como não veio a resposta, tornou a bater, porém com o mesmo resultado insatisfatório da primeira vez. E então, tendo um gênio um tanto irritável, o vice-governador levantou o pesado corpo de sua espada e bateu com tanta força na porta que alguns dos presentes sussurraram que o barulho seria bastante para perturbar os mortos. Não pareceu, entretanto, produzir o menor efeito sobre o coronel Pyncheon. Quando se fez silêncio, este foi absoluto, opressivo, embora muitos dos convidados já tivessem tido oportunidade de afrouxar a língua com alguns tragos de vinho ou outra bebida.

— É estranho, muito estranho! — exclamou o vice-governador, que substituíra o sorriso por uma fisionomia carrancuda. — Já, porém, que o nosso anfitrião nos deu o exemplo de esquecer a cerimônia, vou também pô-la de lado e tomar a liberdade de entrar em seus aposentos!

Empurrou a porta, que se escancarou, deixando passar uma baforada de vento, como um alto suspiro vindo de dentro, ao abrir caminho para o interior da casa nova. O sopro do vento encrespou os vestidos de seda das damas, agitou as perucas cacheadas dos cavalheiros e sacudiu os batentes das janelas e as cortinas dos quartos de dormir, provocando por toda parte uma singular agitação, que, no entanto, se assemelhava mais a um espanto silencioso. A sombra de um temor e de um meio pressentimento — ninguém sabia onde nem o quê — se estendeu sobre todos os presentes.

Todos se encaminharam, porém, para a porta aberta, empurrando, no impulso da curiosidade, o vice-governador em sua frente, para dentro dos aposentos do coronel. À primeira vista, nada foi notado de extraordinário: um cômodo de tamanho regular, muito bem mobiliado, um tanto escurecido pelas cortinas; havia prateleiras com livros e, na parede, um grande mapa, assim como um retrato do coronel Pyncheon, embaixo do qual estava sentado em uma poltrona de roble o próprio

coronel, com uma pena de escrever na mão. Na mesa, diante dele, viam-se cartas, pergaminhos e folhas de papel em branco. E ele parecia estar olhando para a multidão curiosa, em cuja frente se encontrava o vice-governador; de cara fechada, como se irritado com a ousadia que levara aquela gente a invadir os seus aposentos.

Um menino — neto do coronel e o único ser humano que se atrevia a tratá-lo com intimidade — abriu caminho entre os convidados e correu rumo à poltrona onde o velho se encontrava; depois, parando de repente, começou a tremer, horrorizado. Os convidados, agitados como as folhas de uma árvore quando são todas sacudidas pelo vento, aproximaram-se e perceberam que havia uma estranha distorção na fixidez do olhar do coronel; que a sua gola estava suja e a barba, saturada de sangue. Era tarde demais para socorrê-lo. O puritano de coração de pedra, o implacável perseguidor, o ganancioso e obstinado homem, estava morto! Morto, em sua própria casa! Há uma tradição, que merece ser mencionada apenas para trazer um matiz de temor supersticioso a uma cena talvez já bastante lúgubre sem ele, uma tradição segundo a qual se ouviu uma voz bem alta entre os convivas, semelhante à voz do velho Matthew Maule, o feiticeiro executado:

— Deus lhe deu sangue para beber!

Assim, bem cedo uma convidada — a única convidada que, com toda a certeza, mais cedo ou mais tarde, acaba entrando em toda morada humana —, assim bem cedo a Morte atravessou os umbrais da Casa das Sete Torres!

A súbita e misteriosa morte do coronel Pyncheon causou grande sensação. Surgiram muitos comentários, que chegaram, de certo modo, até a atualidade, a respeito da violência cometida; dizia-se que havia marcas de dedos em seu pescoço e de uma sangrenta mão em sua gola pregueada, e que a sua barba estava hirsuta, como se tivesse sido agarrada e puxada. Comentou-se, igualmente, que a janela perto da cadeira do coronel estava aberta, e que, apenas alguns minutos antes da fatal ocorrência, vira-se um homem pulando a cerca do quintal, no fundo da

casa. Seria tolice, contudo, levar demasiadamente a sério qualquer versão desse tipo, pois tais versões surgem naturalmente quando ocorre um acontecimento como o que acaba de ser relatado e, como no caso presente, às vezes se prolongam por muitos e muitos anos, como os cogumelos que indicam onde caiu e se enterrou o tronco de uma árvore de há muito coberto pela terra. De nossa parte, atribuímos a tais versões tanto valor quanto àquela outra fábula da mão do esqueleto que o vice-governador teria visto no pescoço do coronel, e que desapareceu, quando ele avançou mais para dentro do aposento. É certo, contudo, que houve muitas consultas e muita discussão dos médicos a respeito do cadáver. Um deles — chamado John Swinnerton e que parece ter sido um homem eminente — afirmou, se entendemos devidamente o seu linguajar, que foi um caso de apoplexia. Os seus colegas, cada um por si mesmo, adotaram várias hipóteses mais ou menos plausíveis, mas todos se manifestaram através do desconcertante mistério do fraseado que, se não revela confusão mental por parte daqueles eruditos esculápios, certamente provoca dúvidas a respeito no leigo. Os médicos legistas mexeram e remexeram no cadáver, como homens sensatos, e apresentaram um veredicto de “Morte Súbita!”

É, em verdade, difícil imaginar que tivesse havido uma forte suspeita de homicídio ou a mais leve base para implicar qualquer indivíduo como criminoso. A posição social, a riqueza e a eminente personalidade do falecido devem ter assegurado a mais rigorosa averiguação de todas as circunstâncias ambíguas. Como coisa alguma se registrou, é lícito admitir-se que coisa alguma existiu. A tradição — que algumas vezes preserva verdades que a história deixou escapar, mas que, na maioria das vezes, é fruto de simples mexericos, como nas conversas ao pé do fogo de antigamente e nos comentários da imprensa em nossos dias —, a tradição é responsável por afirmações de todo contraditórias. No sermão dos funerais do coronel Pyncheon, que foi impresso e conservado até hoje, o reverendo sr. Higginson enumera, entre as muitas venturas da trajetória terrena de seu distinto paroquiano, a feliz oportunidade de sua

morte. Cumpridos todos os seus deveres, alcançada a mais alta prosperidade, fixadas em bases estáveis a sua estirpe e as gerações futuras, e com um sólido teto para abrigá-las pelos séculos vindouros, que passo mais precisaria dar aquele homem de bem, a não ser o passo que o levasse da Terra para a porta dourada do céu? O piedoso clérigo jamais teria dito tais palavras se tivesse a menor suspeita de que o coronel fora lançado ao outro mundo com as marcas da violência no pescoço.

Por ocasião da sua morte, a família do coronel Pyncheon parecia destinada a gozar um bem-estar tão duradouro quanto se pode esperar em face da inerente instabilidade dos negócios humanos. Era lícito anteciper que o progresso da época iria aumentar e aprimorar bastante a sua prosperidade, antes que desgastá-la e destruí-la. Com efeito, não somente seu filho e herdeiro entrou na posse de um rico patrimônio como ainda era candidato, graças a uma carta de sesmaria, confirmada por decisão da Corte Geral, ao domínio de grande extensão de terras na região oriental. Aquelas possessões — pois como tal podiam quase certamente ser consideradas — compreendiam a maior parte do que hoje se constitui o condado de Waldo, no estado de Maine, e a sua superfície era maior do que a de muitos ducados, ou mesmo principados em solo europeu. Quando a floresta inexplorada que ainda cobria aquela selvagem propriedade cedesse lugar — como inevitavelmente cederia, embora talvez só depois de muito tempo — à áurea fecundidade da cultura humana, aquelas terras constituiriam uma fonte de incalculável riqueza para a estirpe dos Pyncheon. Tivesse o coronel sobrevivido apenas algumas semanas mais, é provável que a sua grande influência política e as suas poderosas ligações no país e no exterior teriam consumado tudo que seria necessário para concretizar a pretensão. A despeito, porém, da congratulatória eloquência do bom sr. Higginson, parece ter havido uma coisa que o coronel Pyncheon deixou escapar, com toda a sua cautela e sagacidade. No que diz respeito à pretensão quanto às terras, não resta sombra de dúvida de que ele morreu cedo demais. Faltava a seu filho não apenas a destacada posição do pai como

também talento e força de vontade para alcançá-la. Nada poderia fazer, portanto, que dependesse de prestígio político; e a simples justiça ou legalidade da pretensão não se mostravam tão claras, depois da morte do coronel, como parecia ser quando ele era vivo. Algum elo da ligação escapara da sequência de provas e não pôde mais ser encontrado.

É bem verdade que foram feitos esforços pelos Pyncheon não somente então, mas por diversas vezes nos quase cem anos que se seguiram, para alcançarem aquilo que insistiam em afirmar ser seu direito. No decorrer desse tempo, porém, o território foi em parte redistribuído a indivíduos mais favorecidos e em parte ocupado pelos verdadeiros colonizadores. Esses últimos, se ouviram falar do título dos Pyncheon, devem ter rido à ideia de alguém pretender ter direito — com base em mofados pergaminhos trazendo as quase apagadas assinaturas de governantes e legisladores de há muito mortos e esquecidos — a terras que eles ou seus pais tinham explorado e cultivado à custa de pesado trabalho. Aquela impalpável pretensão não deu resultado mais concreto do que alimentar, de geração em geração, a absurda ilusão da importância da família, que, durante todo aquele tempo, caracterizou os Pyncheon. Isso levou os membros mais pobres do clã a se julgarem herdeiros de uma espécie de nobreza e cultivarem a esperança de receber algum dia uma fortuna principesca para sustentá-la. Nos melhores exemplares da estirpe, essa peculiaridade lançou uma graça ideal sobre o duro materialismo da vida humana, sem privá-los de qualquer qualidade realmente valiosa. Nos piores, o efeito foi aumentar a dependência à preguiça e ao parasitismo, e induzir a vítima de uma nebulosa esperança a deixar de lado todo esforço pessoal, enquanto aguardava a realização dos seus sonhos. Anos e anos depois que a sua pretensão se apagara na memória dos outros, os Pyncheon continuavam a consultar o velho mapa do coronel Pyncheon, que fora feito quando o condado de Waldo não passava de uma selva inexplorada. Onde o velho agrimensor colocara matas, lagos e rios, eles agora assinalavam os espaços abertos, marcavam as aldeias e cidades, e calculavam a progressiva valorização do território,

como se ainda existisse a perspectiva de acabarem conquistando mesmo um principado.

Em quase todas as gerações, não obstante, surgia algum descendente da família dotado com uma parte da dura e aguda sagacidade e a energia prática que tão notavelmente caracterizara o fundador da grei. Na verdade, o seu caráter parecia ter traçado todo o seu caminho para baixo, tão distintamente como se o próprio coronel, um tanto diluído, tivesse recebido uma espécie de imortalidade intermitente na Terra. Em duas ou três ocasiões, quando a sorte da família periclitava, tinham surgido aqueles representantes das qualidades hereditárias e levado os mexeriqueiros da cidade a comentarem uns com os outros:

— Eis o velho Pyncheon de novo! Agora as Sete Torres vão tornar a brilhar!

De pai para filho, aqueles homens se agarraram à casa ancestral, com a singular tenacidade de apego ao lar. Por várias razões, contudo, e por impressões vagas demais para serem expostas por escrito, o autor acredita que muitos, se não a maioria, dos sucessivos proprietários da mansão e seu terreno sentiam-se perturbados pelas dúvidas quanto ao seu direito de possuí-la. Quanto ao aspecto jurídico, não podia haver dúvida; mas o velho Matthew Maule, é de se temer, saindo de sua própria época, seguiu um longo caminho através do tempo, firmando a cada passo os seus pés na consciência dos Pyncheon. Se assim é, temos diante de nós a terrível pergunta: se todos os herdeiros da propriedade — cômicos do erro e deixando de corrigi-lo — não repetem o grande pecado de seu antepassado, e incorrem em todas as responsabilidades originais; e, supondo-se que tal seja o caso, não seria um modo mais correto de expressão dizer, a respeito da família Pyncheon, que ela herdou um grande infortúnio, e não o contrário?

Já esclarecemos não ser nosso intuito contar a história da família Pyncheon, em sua ininterrupta conexão com a Casa das Sete Torres; nem mostrar, à guisa de uma imagem mágica, como as intempéries e a passagem do tempo arruinaram a venerável mansão. Parecendo retratar a

sua vida interior, um grande e embaçado espelho, pendurado na parede de um dos aposentos, continha, segundo a lenda, em suas profundidades, todas as figuras que ali refletira: o velho coronel e seus muitos descendentes, alguns nas vestes da primeira infância, outras no viço da beleza feminina, ou entristecidos com as rugas da idade provectora. Se tivéssemos o segredo daquele espelho, gostaríamos de sentar diante dele e transferir para estas páginas as suas impressões. Contava-se, porém, uma história, para a qual é difícil se conceber qualquer fundamento, segundo a qual a posteridade de Matthew Maule estava, de certo modo, relacionada com o mistério do espelho, e que, através de algo que parece ter sido uma espécie de processo mesmeriano, podia tornar a sua região interna bem viva com os Pyncheon falecidos; não como eles se mostravam ao mundo em suas melhores e mais felizes horas, mas cometendo de novo algum pecado ou nas crises do pior sofrimento da vida. A imaginação popular, na verdade, por longo tempo se ocupou com o caso do velho puritano Pyncheon e do feiticeiro Maule; a praga que o último rogou do cadafalso era lembrada, como importante acréscimo que se tornara parte da herança dos Pyncheon. Se alguém da família sequer limpasse a garganta, não faltaria quem, estando por acaso ali perto, comentasse, contendo o riso:

— Bebeu o sangue de Maule!

A morte repentina de um Pyncheon, há cerca de cem anos, em circunstâncias muito parecidas com o que se relata a respeito do passamento do coronel, foi considerada como uma probabilidade adicional da opinião a respeito. Considerava-se, além disso, como sombria e nefasta circunstância o fato de um retrato do coronel permanecer pendurado na parede do quarto em que morreu, em obediência, segundo se dizia, a uma cláusula do seu testamento. A sua fisionomia severa, inescrutável, parecia simbolizar uma influência maligna, tão sombria que misturar a sombra de sua presença com a luz solar da hora que passava não permitia que bons pensamentos jamais pudessem germinar e florir naquele lugar. Uma mente sensata,

equilibrada, não encontrará sinal de superstição sequer no que figuradamente expressamos, afirmando que o fantasma de um progenitor defunto — talvez como parte de seu próprio castigo — é muitas vezes condenado a se tornar o gênio do mal de sua família.

Em resumo, os Pyncheon viveram, durante a maior parte do período de dois séculos, talvez enfrentando menos vicissitudes notórias do que as enfrentadas pela maior parte das outras famílias da Nova Inglaterra durante o mesmo transcurso de tempo. Possuindo traços próprios muito distintos, jamais assumiram as características gerais da pequena comunidade onde viviam, uma cidade conhecida por seus habitantes frugais, discretos, ordeiros e amantes do lar, assim como pela extensão um tanto limitada das suas simpatias, mas na qual, dizia-se, havia indivíduos mais excêntricos e, de vez em quando, estranhas ocorrências, que raramente se veem em outros lugares. Durante a Revolução, o Pyncheon daquela época, adotando a causa real, tornou-se um refugiado; arrependeu-se, porém, e reapareceu justamente a tempo de salvar do confisco a Casa das Sete Torres. Durante os últimos setenta anos, o mais notável acontecimento nos anais dos Pyncheon foi igualmente a mais severa calamidade que já caiu sobre a estirpe; nada menos que a morte violenta — pois assim foi julgada — de um membro da família devido ao ato criminoso de um outro. Certas circunstâncias relacionadas com aquela fatal ocorrência colocaram em evidência um sobrinho do falecido Pyncheon. O jovem foi julgado e condenado pelo crime; mas ou a natureza circunstancial das provas, e possivelmente alguma dúvida oculta no coração do governante, ou, finalmente — argumento de maior peso em uma república do que pode ser em uma monarquia —, a respeitabilidade e a influência política das relações do criminoso mitigaram o seu destino da pena de morte para a prisão perpétua. Esse caso doloroso aconteceu cerca de trinta anos antes do começo de nossa ação. Posteriormente, surgiram rumores (em que poucos acreditaram e pelos quais apenas duas ou três pessoas se interessaram) no sentido de

que aquele homem, há tanto enterrado, provavelmente, por esse ou aquele motivo, seria retirado de seu túmulo dos vivos.

É essencial dizer algumas palavras a respeito da vítima daquele hoje quase esquecido assassinato. Era um velho solteirão, dono de grande riqueza, além da casa e seu terreno que constituíam o que restava dos antigos bens dos Pyncheon. Dotado de um temperamento excêntrico e melancólico, e muito inclinado em remexer nos velhos arquivos e ouvir falar nas velhas tradições, chegara, segundo se diz, à conclusão de que Matthew Maule, o feiticeiro, fora indevidamente privado de seus bens, se não de sua vida. Tal sendo o caso, e estando ele, o velho solteirão, na posse e domínio do mal-adquirido bem — com a escura mancha de sangue nele penetrando profundamente e ainda desprendendo mau cheiro para as narinas muito sensíveis —, ocorreu-lhe a ideia de saber se não lhe seria imperioso, ainda que tão tardiamente, restituir os bens aos descendentes de Maule. Para um homem que tanto vivia no passado, e tão pouco no presente, como o solitário e antiquado solteirão, um século e meio não parecia tempo excessivo para se corrigir o que estava errado. Aqueles que o conheciam melhor acreditavam que ele teria mesmo posto em prática a singularíssima ideia de devolver a Casa das Sete Torres ao representante de Matthew Maule se não fosse o barulho que fizeram os outros membros da família quando desconfiaram da intenção do velho. Os parentes conseguiram impedir a consumação do intento; receava-se, porém, que ele fizesse, pela execução do seu testamento, o que, graças a tanto esforço, se vira impedido de fazer em vida. Não há, porém, uma coisa que os homens tão raramente façam, seja por provocação ou por indução, como privar de um bem imóvel as pessoas de seu próprio sangue. Podem gostar mais de outras pessoas que de seus parentes, podem mesmo não gostar ou até odiarem os parentes; na hora da morte, contudo, revive o velho preconceito do parentesco, impelindo o testador a dispor de seus bens imóveis de acordo com um costume tão antigo que parece ditado pela natureza. Em todos os Pyncheon, esse sentimento tinha a energia de uma enfermidade. Era forte demais para os escrúpulos

de consciência do velho solteirão, depois de cuja morte, portanto, a mansão, juntamente com a maior parte de seus outros bens, passou para a posse e domínio do seu parente mais próximo.

Esse parente era um sobrinho, primo do miserável jovem que foi condenado como assassino do tio. O novo herdeiro, até receber a herança, tinha fama de ser um tanto irresponsável, mas, depois de beneficiado, tornou-se um respeitável membro da sociedade. Na verdade, revelou-se um Pyncheon da melhor qualidade e gozou de mais prestígio social do que qualquer outro de sua grei, desde o tempo do patriarca puritano. Dedicando a mocidade ao estudo do Direito e tendo uma natural queda para a profissão, conseguiu, dentro em pouco, ocupar um cargo em um tribunal inferior, que lhe garantiu, para o resto da vida, o invejável e imponente título de juiz. Mais tarde, militou na política, sendo eleito para duas legislaturas do Congresso, além de desempenhar um papel de relevo em ambos os ramos do legislativo estadual. O juiz Pyncheon honrou, sem sombra de dúvida, o nome de sua família. Adquirira um sítio, a poucas milhas de sua terra natal, e ali passava o tempo que conseguia roubar ao serviço público, ostentando todas as qualidades e virtudes — como salientara um jornal em vésperas de eleição — condizentes com o cristão, o bom cidadão, o agricultor e o *gentleman*.

Restavam poucos Pyncheon para se iluminarem ao sol da prosperidade do juiz. No que dizia respeito ao crescimento natural, a família não vicejara; parecia, ao contrário, estar minguando. Ao que se sabia, seus únicos membros restantes eram, primeiro, o juiz e um único filho seu sobrevivente, que andava agora viajando pela Europa; em segundo lugar, o preso condenado a trinta anos sobre o qual já falamos e uma sua irmã, que morava, ali levando uma vida de reclusa, na Casa das Sete Torres, da qual tinha o usufruto pelo testamento do velho solteirão. Sabia-se ser ela paupérrima, e parecia ter escolhido continuar sendo, pois o seu opulento primo, o juiz, repetidamente lhe oferecera uma vida confortável, fosse na velha mansão, fosse em sua moderna residência. A

última e mais jovem representante dos Pyncheon era uma roceirinha de dezessete anos, filha de outro primo do juiz, que se casara com uma moça pobre e humilde e morrera cedo, deixando a família praticamente desamparada. A viúva se casara de novo, havia pouco tempo.

Quanto à descendência de Matthew Maule, supunha-se que estivesse extinta. Durante muito tempo depois da morte do feiticeiro, porém, os Maule tinham continuado a morar na cidade onde seu progenitor sofrera morte tão injusta. Segundo tudo indica, era uma gente sossegada, honesta, ajuizada, que não alimentava rancor para com pessoas ou para com o público por causa do mal que lhe haviam feito; ou se, no íntimo do lar, transmitiam, de pai a filho, qualquer lembrança hostil do destino do feiticeiro e de seu patrimônio perdido, tal coisa não motivou qualquer ação ou foi abertamente manifestada. Nem seria de se espantar se aquela gente tivesse acabado se esquecendo que a Casa das Sete Torres apoiava a sua estrutura em uma base que fora legitimamente sua. Havia algo de tão maciço, de tão estável e de uma imponência quase irresistível no pressentimento exterior da ordem estabelecida e de grandes fortunas que a sua própria existência parecia lhe dar o direito de existir; era, pelo menos, uma tão excelente violação do direito, que poucos homens pobres e humildes teriam força moral para contestá-la, mesmo em seus pensamentos secretos. Tal é o caso agora, depois de superados tantos velhos preconceitos; e era muito mais nos dias anteriores à Revolução, quando a aristocracia podia aventurar-se a ser orgulhosa e os humildes se contentavam com a sua humildade. Assim, os Maule, de qualquer modo, esconderam o ressentimento no fundo do coração. Em geral, eram muito pobres; sempre plebeus e obscuros; trabalhando manualmente com pouca recompensada diligência; labutando nos cais de embarque ou embarcados como simples marinheiros; vivendo aqui e ali na cidade, em alojamentos alugados e chegando afinal ao asilo dos desamparados, como o lar natural de sua velhice. E, depois de se arrastarem de tal modo, durante tanto tempo, chapinhando na lama opaca da insignificância, acabaram dando aquele mergulho profundo, que, mais cedo ou mais

tarde, é o destino de todas as famílias, sejam principescas ou plebeias. Passados trinta anos, nenhum registro da cidade, nenhum túmulo, nem por escrito, nem no conhecimento ou na memória dos homens, se referiam aos descendentes de Matthew Maule. O seu sangue possivelmente ainda existisse em algum lugar; ali, onde o seu humilde fluxo poderia ser assinalado depois de tanto tempo, o seu curso cessara de avançar.

Enquanto alguém daquela grei podia ser encontrado, distinguia-se dos outros homens — não acintosamente, não graças a uma linha incisiva, mas com algo que era mais sentido do que descrito por palavras — por um caráter hereditário de reserva. Os seus amigos, ou melhor, aqueles que tentavam se tornar seus amigos, acabavam tomando consciência de que os Maule estavam dentro de um círculo que os envolvia de santidade ou encantamento, a despeito de uma aparência amistosa e cordial, e dentro do qual era impossível penetrar. Talvez fosse aquela indefinível peculiaridade que, isolando-os da ajuda humana, sempre lhes tornou a vida infortunada. E certamente concorreram para prolongar a sua situação, e confirmar-lhes aquela única herança, os sentimentos de repugnância e supersticioso terror com que os habitantes da cidade, mesmo depois de despertados de seu delírio, continuaram a considerar a memória dos supostos feiticeiros. A túnica, ou melhor, o manto esfarrapado do velho Matthew Maule caíra sobre os seus descendentes. Acreditava-se, de certo modo, que eles haviam herdado atributos misteriosos; dizia-se que os olhos da família possuíam estranho poder. Entre outras propriedades e privilégios inofensivos, um era especialmente comentado: o de influenciar os sonhos dos outros. Se fosse verdade o que se dizia, os Pyncheon, enquanto orgulhosamente desfilavam nas ruas ensolaradas de sua terra natal, não passavam de servos daqueles Maule plebeus, quando entravam na igualitária comunidade do sono. A psicologia moderna talvez procurasse enquadrar essas alegadas necromancias em um sistema, em vez de rejeitá-las como de todo fabulosas.

Um ou dois parágrafos descritivos, procurando retratar a mansão das sete torres em seu aspecto mais recente, encerrarão este capítulo preliminar. A rua onde ela ergue seus sótãos veneráveis de há muito deixou de ser um bairro chique da cidade; assim, embora o velho prédio esteja rodeado de habitações modernas, estas são, em sua maior parte, pequenas, inteiramente construídas de madeira e típicas da perseverante uniformidade da vida comum. No entanto, sem dúvida, toda a história da existência humana pode estar latente em cada uma delas, mas, externamente, sem coisa alguma de pitoresco capaz de despertar a atenção ou a ideia de procurá-la ali. Quanto ao velho prédio da nossa história, com o seu madeirame de carvalho branco, e suas ripas, seus enfeites, seu reboco caindo, e mesmo sua enorme, maciça, chaminé, parece ele constituir apenas a menor e mais mesquinha parte da sua realidade. Tanto da variada experiência da humanidade por ali passara — tanto se tinha sofrido e tanto, também, se havia deleitado — que o velho madeiramento gotejava, como que da umidade de um coração. A casa assemelhava-se mesmo a um grande coração humano, dotado de vida própria e repleto de ricas e sombrias reminiscências.

A forte projeção do segundo pavimento dava à casa um aspecto cismador, que fatalmente despertava a ideia de que havia ali segredos guardados e uma história memorável de fundo edificante. Em frente, justamente na borda do passeio não pavimentado, erguia-se o Olmo dos Pyncheon que, comparado com as outras árvores de sua espécie, podia ser considerado gigantesco. Fora plantado por um bisneto do primeiro Pyncheon e agora, se bem que já tivesse uns oitenta ou talvez quase cem anos de idade, ainda se mostrava em sua forte e robusta maturidade, lançando a sua sombra de lado a lado da rua, encobrindo as sete torres e varrendo todo o escuro telhado com sua folhagem pendente. Embelezava o velho edifício e parecia fazer parte da natureza. Como a rua fora alargada, havia cerca de quarenta anos, a torre da frente se achava exatamente ajustada ao seu alinhamento. De cada lado estendia-se uma arruinada cerca de pau, atrás da qual se podia ver um pátio coberto de

capim e, especialmente nos cantos da casa, viçosíssimas bardanas, cujas folhas, sem nenhum exagero, chegavam a dois ou três pés de comprimento. Atrás da casa havia um terreno, outrora quintal, depois abandonado, que devia ter sido muito grande, mas agora se achava atravessado por outros tapumes e fechado pelas casas que se erguiam na rua seguinte. Seria uma omissão, pequena sem dúvida, mas imperdoável, se esquecêssemos o mofo muito verde que crescia nos beirais das janelas e nos declives do telhado; e nem podemos deixar de chamar a atenção do leitor para a vegetação não de ervas daninhas, mas de pés de flores que cresciam nas alturas, a pequena distância da chaminé, no canto entre duas das torres. Eram chamados Ramalhetes de Alice. Segundo a tradição, uma certa Alice Pyncheon ali jogara as sementes, por brincadeira, e a poeira da rua e o apodrecimento do telhado acabaram formando uma espécie de solo, onde as plantas vicejaram, depois que Alice já estava enterrada há muito tempo. Fosse como fosse que as flores tinham ido parar ali, era ao mesmo tempo triste e consolador observar como a própria Natureza escolhera aquele casarão desolado, decadente, envelhecido, estragado; e como o verão, que sempre volta, fazia o possível para alegrá-la com a sua beleza e se tornava melancólico naquele esforço.

Há uma outra feição, que não pode deixar de ser salientada, mas que, é muito de se temer, pode prejudicar a impressão pitoresca e romântica que estamos procurando apresentar na descrição daquele respeitável prédio. Na torre da frente, sob a saliência do segundo pavimento, e contígua à rua, havia uma porta de loja, dividida horizontalmente no meio, e com uma janela no segmento superior, tal como se vê muitas vezes nas casas residenciais um tanto antigas. Essa mesma porta de loja fora motivo de não pequena mortificação para a atual ocupante da augusta Casa dos Pyncheon, assim como para alguns de seus antecessores. Não é muito agradável discutir esse assunto; uma vez, porém, que o leitor tem de conhecer o segredo, precisará saber que, há cerca de um século, o chefe da família Pyncheon se viu às voltas com sérias dificuldades financeiras. O tal sujeito (*gentleman*, como se

chamava) não parecia, em verdade, mais que um indesejável intruso, pois, em vez de procurar um cargo nomeado pelo rei ou pelo governador real, ou de insistir nos direitos hereditários às terras da região oriental, não vislumbrou para si mesmo melhor caminho rumo à riqueza do que abrindo uma porta de loja ao lado de sua residência ancestral. É bem verdade que era costume do tempo que os comerciantes armazenassem as suas mercadorias e fizessem as suas transações em suas próprias moradas. Havia, porém, algo dolorosamente mesquinho na maneira com que aquele velho Pyncheon dispôs os seus negócios comerciais; dizia-se que, com as suas próprias mãos, costumava dar o troco de um xelim, e que examinava bem qualquer moeda de níquel, para ter certeza de que não era falsa. Não havia sombra de dúvida de que trazia nas veias sangue de um mesquinho bufarinheiro, fosse onde fosse que o tivesse arranjado.

Imediatamente depois de sua morte, a porta da loja foi fechada, trancada e pregada, e provavelmente jamais fora aberta de novo até a época de nossa história. O velho balcão, as prateleiras e outros apetrechos do negócio continuaram como tinham sido deixados. Afirmava-se que o velho negociante, de peruca branca, um desbotado casaco de veludo e um avental na cintura, com as mangas cuidadosamente dobradas acima dos cotovelos, podia ser visto todas as noites, através das frestas dos batentes, contando dinheiro ou debruçado sobre as páginas dos livros de escrita. Pela expressão de profundo sentimento do seu rosto, era de se deduzir que ele fora condenado a passar a eternidade fazendo o vão esforço de equilibrar as suas contas.

E agora — de modo muito humilde, como se verá — vamos tratar de começar a nossa narrativa.

II

A pequena vitrine

Ainda faltava meia hora para o sol nascer quando a srta. Hepzibah Pyncheon — não vamos dizer acordou, pois é muito duvidoso que a pobre senhora tenha sequer fechado os olhos durante a breve noite de verão, mas, em todo o caso — levantou-se de seu solitário travesseiro e começou o que seria zombaria chamar de embelezamento de sua pessoa. Longe de nós a indecorosa pretensão de assistirmos, mesmo em imaginação, à toaleta de uma donzela! A nossa história deve, portanto, aguardar srta. Hepzibah na soleira de sua alcova, apenas nos limitando, enquanto isso, a ouvir alguns dos suspiros que ela arrancava do fundo do peito, sem tentar torná-los menos sentidos e menos ruidosos, uma vez que não poderiam ser ouvidos por ninguém, a não ser um ouvinte desencarnado como nós mesmos. A solteirona estava sozinha no velho casarão. Sozinha, a não ser a companhia de certo respeitável e respeitador jovem, um artista no campo do daguerreótipo, que, há cerca de três meses, era hóspede de uma remota torre — em verdade quase uma casa distinta — com fechaduras, trincos e barras de carvalho em todas as portas intermediárias. Inaudíveis, portanto, eram os dolorosos suspiros da pobre srta. Hepzibah. Inaudíveis os estalos das juntas de seus enrijecidos joelhos, quando se ajoelhava ao lado da cama. E inaudível também, por ouvidos mortais, mas escutada com todo o amor e toda a piedade no alto do céu, a prece quase agônica — ora sussurrada, ora um gemido, ora um silêncio relutante — com a qual ela implorava a proteção divina durante o dia! Sem sombra de dúvida, aquele seria um dia de provação mais do que ordinária para srta. Hepzibah, que, por

mais de um quarto de século, morara inteiramente reclusa, sem participar das atividades da vida, assim como da sua convivência e seus prazeres. E nunca com tal fervor rezara a reclusa, prevendo a fria, sombria, estagnante calma de um dia que seria igual aos inúmeros dias anteriores!

A velha donzela concluía as suas devoções. Irá agora afinal transpor os umbrais da nossa história? Ainda não, por bastante tempo. Primeiro, cada gaveta da alta e antiquada cômoda teve de ser aberta, com dificuldade e com uma sucessão de espasmódicos arrancos, depois todas tornaram a ser fechadas, com a mesma relutância. Houve um ruflar de sedas engomadas; um ruído de passos atravessando o quarto para a frente e para trás, e de um lado para o outro. Desconfiamos que srta. Hepzibah, além disso, subiu em uma cadeira, a fim de examinar atentamente a sua aparência em todos os lados e em toda a extensão no espelho oval, de moldura encardida pendurado na parede acima da mesa. Realmente! Bem, na verdade, quem teria imaginado tal coisa? Era um tempo bem precioso para ser esbanjado com a reparação e embelezamento matinal de uma pessoa idosa, que nunca viajou, que ninguém jamais visitava, e da qual, depois de ter ela feito o maior esforço, o melhor que se podia fazer era virar os olhos para outro lado?

Agora, ela está quase pronta. Perdoemo-la por ter hesitado mais uma vez; a sua hesitação foi causada pelo sentimento, ou, podemos dizer melhor — exaltada e intensificada como tem sido pelo sofrimento e pela reclusão — pela forte paixão de sua vida. Ouvimos o barulho da chave em uma pequena fechadura; ela abriu a gaveta secreta de uma escrivaninha e provavelmente está olhando uma miniatura, feita no mais perfeito estilo de Malbone e representando um rosto digno de um lápis não menos delicado. Tivemos a sorte de ver certa vez esse retrato. Era a imagem de um jovem, trajando um roupão de seda fora de moda, cuja riqueza combinava muito bem com a fisionomia sonhadora, com os lábios cheios e bem-feitos, e os belos olhos, que pareciam indicar não apenas inteligência, como ternura e carinho. Nada temos o direito de

*image
not
available*

esforço de concentrar a visão, para captar um firme contorno das feições retratadas, em vez de uma imagem vaga e indistinta.

Temos de nos deter um momento para falarmos a respeito da infeliz expressão fisionômica da pobre Hepzibah. Sua carranca — como todo mundo teimava em chamar, todo mundo ou pelo menos as pessoas que tinham oportunidade de entrevê-la, pela janela de sua casa —, a sua carranca prejudicava muito srta. Hepzibah, atribuindo-lhe o gênio de rabugenta solteirona; e nem parece improvável que, olhando-se com frequência no embaçado espelho, e encontrando perpetuamente a sua expressão carrancuda na fantasmagórica esfera, ela própria fora levada a interpretar tal expressão quase tão injustamente quanto os outros interpretavam.

— Como sou mal-encarada! — Ela deve ter muitas vezes sussurrado, consigo mesma.

E acabou achando que era mesmo, curvada ante o fatalismo. Seu coração, no entanto, jamais se fechou. Era naturalmente terno, sensível, cheio de ligeiros tremores e palpitações, enquanto o rosto se mostrava duro, e mesmo feroz. E a audácia foi também coisa desconhecida para Hepzibah, a não ser no secreto ardor de seus afetos.

Durante todo este tempo, estamos titubeando indecisos no limiar da nossa história. A verdade é que sentimos uma invencível relutância em revelar o que srta. Hepzibah Pyncheon se achava na iminência de fazer.

Como já foi dito, no andar térreo da torre de frente para a rua, um indigno antepassado, quase um século antes, montara uma casa de negócio. Desde que o velho cavalheiro se afastara do comércio e fora dormir para sempre dentro de um caixão de defunto, não somente a porta da loja como os seus arranjos internos tinham permanecido inalterados, enquanto a poeira do tempo se depositava em grossas camadas nas prateleiras e no balcão e cobria em parte os pratos de uma velha balança, como se tivesse valor suficiente para ser pesada. Também continuava guardado, na gaveta entreaberta onde ainda ficara uma vil moeda de seis pence, nem mais nem menos que o orgulho hereditário,

*image
not
available*

*image
not
available*

grosseira substância da riqueza e de um alto padrão de vida, sem qualquer existência espiritual depois da morte dos usuários, mas com eles morrendo irremessivelmente. E, portanto, como tivemos a infelicidade de apresentar a nossa heroína em circunstâncias tão pouco auspiciosas, temos de esperar uma atitude de compreensão e respeito por parte dos espectadores de seu destino. Contemplemos, na pobre Hepzibah, a dama imemorial — com duzentos anos, deste lado do Oceano, e três vezes mais do outro lado — com seus antigos retratos, suas antigas linhagens, cotas de armas, lembranças e tradições, e as suas pretensões, como coherdeira, ao principesco território da região oriental, já não mais uma selva, mas uma terra povoada e fértil — nascida, também, na rua Pyncheon, à sombra do Olmo dos Pyncheon e na Casa dos Pyncheon, onde passara toda a sua vida —, reduzida agora, naquela mesma casa, a não passar de uma vendeira.

A exploração de uma pequena casa comercial é quase o único recurso de mulheres em situação semelhante à de nossa infortunada reclusa. Com a sua miopia e as suas mãos trêmulas, ao mesmo tempo frágil e inflexível, ela não poderia costurar, embora os seus bordados, beirando os cinquenta anos, exibissem alguns dos mais recônditos espécimes dos trabalhos de agulha. Uma escola primária estivera muitas vezes em suas cogitações, e, certa ocasião, começara a fazer uma revisão dos seus estudos na *Cartilha da Nova Inglaterra*, a fim de se tornar professora. O amor às crianças jamais, porém, fora muito intenso no coração de Hepzibah e agora se tornara fraco, se não extinto; costumava observar da janela as crianças da vizinhança e duvidava muito que conseguisse tolerar um contato mais direto com elas. Além disso, em nossos dias, até o ABC se tornou uma ciência excessivamente abstrusa para ser ensinada apenas apontando de letra a letra. Uma criança moderna ensinaria a Hepzibah mais do que Hepzibah ensinaria à criança. E assim — com muito frio no coração diante da ideia de afinal entrar em sórdido contato com o mundo, do qual estivera afastada por tanto tempo, enquanto cada dia de reclusão empurrava outra pedra para a abertura da caverna de seu retiro

*image
not
available*

III

O primeiro freguês

A srta. Hepzibah Pyncheon sentou-se na poltrona de carvalho, o rosto escondido nas mãos, entregando-se àquele abatimento que a maior parte das pessoas já experimentou, quando a imagem da esperança parece pesada como chumbo, na véspera de um empreendimento ao mesmo tempo duvidoso e importante. Ela foi de súbito arrancada de sua meditação pelo tilintar — alto, estridente e irregular — de uma campainha. Pôs-se de pé, pálida como um fantasma ao primeiro canto do galo, pois era um espírito escravizado, e aquele era o talismã a que devia obediência. Aquela campainha — para falar de maneira mais inteligível — presa na porta da loja destinava-se a soar com toda a força, anunciando assim a todos os recantos da casa que um freguês acabava de transpor os seus umbrais. Seu feio e desagradável barulho (ouvido agora, talvez, pela primeira vez desde que o antecessor de Hepzibah, com a sua avareza e o seu chinó, se afastara dos negócios) imediatamente sacudiu todos os nervos do corpo da solteirona, em responsiva e tumultuosa vibração. A crise a alcançara! O primeiro freguês estava à porta!

Sem se dar tempo para pensar mais um segundo, ela correu para a loja, pálida, agitada, desesperada nos gestos e na expressão fisionômica, com a testa enrugada de alto a baixo, e parecendo muito mais qualificada a enfrentar um assaltante do que a ficar sorridente atrás do balcão, trocando algum artiguinho ordinário por algumas moedas de cobre. Qualquer freguês ordinário, na verdade, ao vê-la teria virado as costas e fugido. No entanto, nada havia de feroz no coração da pobre Hepzibah; e nem ela nutria, naquele momento, sentimento adverso para com a

*image
not
available*

agradeço sua bondade, sr. Holgrave, e vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para ser uma boa comerciante.

— Deus a ouça — disse Holgrave —, e deixe-me ter o prazer de ser o seu primeiro freguês. Vou dar uma volta até a praia antes de ir para o estúdio, onde desperdiço a abençoada luz do céu retratando fisionomias humanas com a sua ajuda. Alguns destes biscoitos, molhados na água do mar, serão tudo de que preciso para a minha primeira refeição. Quanto custa meia dúzia?

— Deixe-me ser uma dama respeitável ao menos durante mais um momento — respondeu Hepzibah com um sorriso melancólico. — Afinal de contas, uma Pyncheon não pode, no solar de seus antepassados, receber dinheiro, por um pedaço de pão, do seu único amigo!

E entregou a mercadoria, sem aceitar compensação.

Holgrave despediu-se, deixando-a com o espírito bem menos deprimido. Mas não foi por muito tempo. O abatimento voltou, quase que com a mesma intensidade. Com o coração batendo apressado, a solteirona começou a escutar o barulho dos passos dos transeuntes matinais que passavam pela rua. Uma ou duas vezes, os passantes pareceram retardar o passo: aqueles estranhos, ou vizinhos, fossem o que fossem, estavam olhando a exposição de brinquedos e outros modestos artigos na vitrine.

Hepzibah se sentiu duplamente torturada; em parte, tomada por uma vergonha enorme, porque olhos estranhos e inamistosos tinham o privilégio de olhar para dentro de sua casa, e em parte porque, com ridícula inoportunidade, lhe ocorrera a ideia de que a vitrine não estava tão bem arranjada como deveria estar. Tinha a impressão de que todo o sucesso ou malogro do seu negócio dependeria de uma boa arrumação da vitrine ou da substituição de uma maçã que parecia estragada por outra de ótimo aspecto. Logo mudou a maçã e imediatamente lhe pareceu que aquela mudança estragara toda a arrumação da vitrine; não lhe veio à cabeça que era o seu nervosismo que fazia com que tudo parecesse errado.

*image
not
available*

— Aquele Jim Crow que está na vitrine — respondeu o menino, mostrando uma moeda de um centavo e apontando para a figura de bolo de gengibre que lhe despertara a atenção, quando se dirigia à escola. — Aquele que não está com o pé quebrado.

Então, Hepzibah estendeu o braço e, tirando o boneco de gengibre da vitrine, entregou-o ao seu primeiro freguês.

— Não se preocupe com o dinheiro — disse-lhe, empurrando-o delicadamente rumo à porta, pois as velhas tradições da família entraram em ação à vista da moeda de cobre, e, além disso, lhe pareceu ser uma sórdida mesquinhez tomar o dinheiro de uma criança em troca de um pedacinho de pão de gengibre estragado. — Não se preocupe com o dinheiro — repetiu. — Jim Crow teve prazer em conhecê-lo.

O menino, arregalando os olhos diante daquele exemplo de liberalidade, sem um só precedente em toda a sua larga experiência de compras no valor de um centavo, recebeu o boneco de gengibre e saiu. Mal chegara ao passeio (que canibalzinho que era!), e a cabeça de Jim Crow já estava dentro de sua boca. Como não se dera ao trabalho de fechar a porta, Hepzibah se encarregou disso, com uma ou duas exclamações contra a impertinência das crianças, principalmente dos meninos. Acabara justamente de colocar outro representante do renomado Jim Crow na vitrine quando a campainha da porta tornou a soar, ruidosamente, e de novo a porta se escancarou, com o devido e irritante protesto dos gonzos enferrujados, e apareceu o mesmo menino que ali estivera dois minutos antes. As migalhas do festim canibal ainda se mostravam bem visíveis junto de sua boca.

— O que está querendo agora, menino? — perguntou a solteirona, sem esconder a impaciência. — Veio fechar a porta?

— Não — respondeu o guri, apontando para a outra figura que acabara de ser colocada na vitrine. — Quero aquele outro Jim Crow.

— Está bem — respondeu Hepzibah, entregando a mercadoria.

Certa, porém, de que aquele perseverante freguês não a deixaria em paz enquanto houvesse bonecos de gengibre na vitrine, acrescentou:

*image
not
available*

Por diversas vezes, além do exemplo mencionado, a sensibilidade de srta. Pyncheon foi seriamente afetada pelo tom confiado, senão grosseiro, com que as pessoas lhe dirigiam a palavra. Evidentemente, se consideravam não apenas seus iguais, mas seus patrões e superiores. Ora, inconscientemente, Hepzibah se lisonjeava com a ideia de que havia uma espécie de auréola, um resplendor, em torno de sua pessoa, que implicaria deferência para com sua origem, sua família importante ou, pelo menos, o reconhecimento tácito de tal coisa. Por outro lado, nada a torturava de maneira mais intolerável do que uma forma ostensiva de tal reconhecimento. Assim, replicou quase grosseiramente a uma ou duas manifestações oficiosas de solidariedade; e, lamentamos dizer, Hepzibah foi empurrada para um estado de espírito positivamente anticristão pela suspeita de que todos os fregueses iam à sua loja levados não pela verdadeira necessidade do artigo que pretendiam olhar, mas pelo perverso desejo de observá-la. Cada uma daquelas vulgares criaturas estava resolvida a ver com os próprios olhos o papel que uma bolorenta figura da aristocracia estava representando atrás de um balcão, depois de passar toda a flor da mocidade e grande parte da velhice afastada do mundo. Nesse caso particular, contudo, por mais mecânica e inócua que pudesse ter sido em outros tempos, a cara fechada de Hepzibah agora lhe foi muito útil.

— Nunca tive tanto medo em minha vida! — confessou a freguesa curiosa, comentando o caso com uma de suas conhecidas. — Ela é uma mulher danada, pode acreditar! Fala pouco, é verdade, mas basta a gente ver os olhos dela para saber que é uma víbora!

De um modo geral, portanto, a sua nova experiência levou a nossa decadente dama de qualidade a chegar a conclusões realmente desagradáveis quanto à mentalidade e ao comportamento do que ela denominava de classes inferiores, para as quais olhava, até então, com delicada e bondosa condescendência, enquanto ela própria ocupava um plano de inquestionável superioridade. Infelizmente, porém, ela era também obrigada a lutar contra uma amarga emoção de natureza

*image
not
available*

se sentiu irresistivelmente atraído por um elefante de gengibre. Que apetite tinha o molecote! Dois Jim Crows logo depois do desjejum e um elefante, como aperitivo para o jantar! Quando terminou a compra do animal, o idoso cavalheiro já continuara a caminhada e dobrara uma esquina.

— Faça o que lhe parecer melhor, primo Jaffrey! — murmurou a solteirona enquanto recuava, depois de ter espichado a cabeça para fora, cautelosamente, olhando a rua de um lado e de outro. — Faça o que parecer melhor! Você viu a minha vitrininha! E então? O que me diz? A Casa dos Pyncheon não é minha enquanto eu viver?

Depois desse incidente, Hepzibah se retirou para a sala de visitas, onde, a princípio, pegou uma meia de crochê semiacabada e nela trabalhou durante algum tempo, com movimentos nervosos e irregulares. Não tardou, porém, a deixá-la de lado, e caminhou, a passos largos, de um lado para o outro.

Afinal, parou diante do retrato do severo puritano, seu antepassado e fundador da casa. De certo modo, o retrato quase se apagara na tela e se escondia atrás do obscurecimento do tempo; por outro lado, Hepzibah era levada a fantasiar que ele se tornara mais destacado e notavelmente expressivo do que em qualquer outra ocasião, desde o tempo em que se familiarizara com ele, na infância.

De fato, ao passo que o contorno e a substância física iam sendo cobertos pela sombra, aos olhos do espectador, o caráter ousado, duro e, ao mesmo tempo, indireto do retratado parecia ter adquirido uma espécie de relevo espiritual. Um efeito semelhante pode ser observado nos retratos muito antigos, em que o retratado assume uma aparência que um artista (se fosse dotado de algo semelhante à complacência dos artistas de hoje) jamais sonharia pressentir em um mecenas como a sua própria expressão característica, mas que, não obstante, imediatamente reconhecemos como refletindo a desagradável verdade de uma alma humana. Em tais casos, a profunda concepção do pintor quanto às

*image
not
available*

o tio Venner era uma mistura de um velho *gentleman*, em parte ele próprio, mas, em apreciável proporção, algum outro homem; uma combinação, também, de épocas diferentes; uma epítome de eras e de modas.

— Quer dizer que a senhora começou mesmo a comerciar, começou mesmo! — disse ele. — Fico muito satisfeito. As pessoas moças jamais devem viver sem uma atividade, e as velhas também, a não ser quando o reumatismo toma conta delas. E o reumatismo já está me ameaçando. Estou pensando mesmo em me afastar dos negócios dentro de uns dois ou três anos e ir morar em minha fazenda. Fica longe... aquela casa de tijolos, a senhora sabe... O asilo, como a maior parte das pessoas prefere chamar. Quando não aguentar mais trabalhar, vou para lá, descansar. E estou muito satisfeito vendo a senhora começando o seu trabalho, srta. Hepzibah.

— Obrigada, tio Venner — replicou Hepzibah, sorrindo, pois sempre tratava com simpatia aquele velho simples e falador.

Se quem falou tivesse sido uma mulher velha, ela, provavelmente, teria repellido a liberdade que agora tinha em boa conta.

E acrescentou, bem-humorada:

— Já era tempo mesmo de eu ter começado! Ou, para falar mesmo a verdade, acho que já estou é começando tarde demais.

— O que é isso, srta. Hepzibah! — protestou o velho. — A senhora ainda é moça. Parece que foi ontem mesmo que eu via a senhora brincando na porta da velha casa, ainda criança! A maior parte das vezes, porém, ficava sentadinha na soleira da porta, muito séria, olhando para a rua, pois sempre foi muito seriazinha, parecendo gente grande, quando era tão pequena que mal chegava à altura dos meus joelhos. Tenho a impressão de ainda a estar vendo. E seu avô, com seu manto vermelho e sua peruca branca, o chapéu armado, a bengala, saindo de casa e caminhando muito imponente pela rua! Aqueles velhos senhores que foram criados antes da Revolução tinham muita pose. Quando eu era jovem, o grande homem da cidade era geralmente chamado de rei; e sua

*image
not
available*

oferecido com um sorriso franco, uma fisionomia acolhedora, parece melhor do que um outro realmente melhor, mas que é mostrado de cara fechada.

A esse derradeiro apotegma, Hepzibah replicou com um suspiro profundo, arrancado do imo do peito, tão forte que quase atirou o velho Venner para bem longe, como uma folha seca em face de uma ventania de outono. Recuperando-se, contudo, ele se curvou e, com uma expressão bondosa no rosto envelhecido, convidou a solteirona a aproximar-se mais dele, com um gesto.

— Quando é que está esperando que ele chegue aqui? — sussurrou.

— A quem o senhor está se referindo? — redarguiu Hepzibah, empalidecendo.

— Ah! A senhora não gosta de falar sobre isso — comentou o tio Venner. — Está bem, está bem! Não falemos mais, embora seja o assunto preferido de todo mundo na cidade. Eu me lembro dele, srta. Hepzibah, antes que ele soubesse andar!

Durante o resto do dia, a pobre Hepzibah desempenhou ainda mais precariamente o seu papel de vendedora do que conseguira com os seus esforços anteriores. Tinha a impressão de que estava sonhando; ou, mais exatamente, a vida e a realidade assumidas por suas emoções tornavam insubstanciais todas as ocorrências externas, como fantasmas irrequietos de um cochilo semiconsciente.

Não deixou, porém, de atender, mecanicamente, os frequentes apelos da campainha e os pedidos dos fregueses, espreitando a loja com um olhar vago, oferecendo-lhes um artigo depois do outro e deixando de lado — por maldade, segundo a maior parte deles supunha — exatamente o que o freguês estava querendo.

Há uma triste confusão, em verdade, quando o espírito mergulha no passado, ou no mais assustador futuro, ou, de qualquer outra maneira, atravessa o incorpóreo limite entre a sua própria região e o mundo real; quando o corpo fica condenado a se guiar, o melhor que puder, com pouca coisa mais do que o mecanismo da vida animal. É como a morte

*image
not
available*

V

Maio e novembro

Phoebe Pyncheon dormiu, na noite em que chegara, em um quarto que dava para o quintal do velho casarão. Estava voltado para o nascente, de modo que, muito cedo ainda, uma luz avermelhada começou a se infiltrar através da janela e a colorir com o seu matiz o encardido teto e o não menos encardido papel de parede. Havia um cortinado na cama de Phoebe: um dossel escuro e antigo, e pesados festões de um pano, que custara caro e fora luxuoso em seu tempo, mas que, agora, se estendia sobre a moça como uma nuvem, conservando a noite naquele canto, ao passo que, em todas as outras partes, o dia estava raiando.

A luz matinal, no entanto, acabou se infiltrando por uma fresta nos pés da cama, entre o desbotado cortinado. Encontrando ali uma nova hóspede — com faces rosadas como a do próprio amanhecer e a gentil agitação do fim do sono em seus membros, à semelhança do que acontece quando uma brisa suave agita as folhagens —, a aurora beijou-lhe a fronte. Foi a carícia que a orvalhada donzela — tal como é a aurora, imortalmente — propiciou à sua irmã adormecida, em parte por um impulso de irresistível afeto, e em parte como delicada advertência de que já era tempo de abrir os olhos.

Ao contato daqueles lábios de luz, Phoebe acordou tranquilamente e, durante um momento, não reconheceu onde se encontrava e por que aquele pesado cortinado pendia em torno dela. Na verdade, coisa alguma lhe era absolutamente explicável, exceto o fato de que já amanhecera e, fosse o que fosse que em seguida pudesse acontecer, convinha, afinal de contas, levantar-se e rezar as suas orações. Sentia-se mais inclinada à

*image
not
available*

Assim, Phoebe replicou com a mesma franqueza e mais jovialmente à rude observação de Hepzibah:

— Minha cara prima, não posso dizer como será. Mas estou certa de que nos daremos muito melhor uma com a outra do que você supõe.

— Você é uma boa menina, vejo muito bem — continuou Hepzibah. — E não é, de modo algum, por isso que estou preocupada. Mas o caso, Phoebe, é que esta minha casa é um lugar muito triste para uma pessoa jovem morar. Recebe o vento e a chuva, e a neve, também, durante o inverno, no sótão e nos cômodos de cima, mas não recebe um raio de sol! E quanto a mim, como você pode ver, não passo de uma triste e desanimada velha (pois já estou me chamando de velha, Phoebe), cujo gênio, tenho de confessar, não é dos melhores, e cujo estado de espírito não podia ser pior. Não tenho condições de tornar a sua vida agradável, prima Phoebe, e, além disso, a minha situação financeira é muito precária.

— Vai ver que não me queixarei — retrucou Phoebe, sorrindo, mas com um ar de quem estava falando com seriedade, embora jovial. — E estou disposta a trabalhar para me sustentar. Como deve saber, não fui criada como uma Pyncheon. As moças aprendem muita coisa em uma aldeia da Nova Inglaterra.

— Ah, Phoebe! — exclamou Hepzibah, com um suspiro. — Os seus conhecimentos não vão lhe valer de muito aqui! E é doloroso pensar que você vai passar a mocidade em um lugar como este. O seu rostinho já não estará tão corado dentro de um ou dois meses. Olhe para a minha cara — na verdade, o contraste era chocante — e veja como sou pálida! Ninguém me tira da cabeça que a poeira e o mofo destas casas velhas fazem mal aos pulmões.

— Há o jardim, para se tratar — observou Phoebe. — Vou ter muita coisa para fazer ao ar livre.

— E, além de tudo, menina — exclamou Hepzibah, como que pondo um ponto final no assunto —, não é a mim que compete resolver

*image
not
available*

reconhecera plenamente a impossibilidade de um dia se acostumar com o irritante barulho da campainha. Por mais vezes que fosse tocada, aquele toque sempre afetava o seu sistema nervoso, rude e subitamente. Em especial agora, quando, com as suas colheres timbradas e a porcelana antiga, estava se enfeitando com ideias de nobreza, sentia-se pouquíssimo inclinada a dar atenção a um freguês.

— Não se preocupe, minha prima! — apressou-se em dizer Phoebe. — Hoje a loja fica por minha conta.

— Você, minha filha? — contestou a velha. — Como é que uma mocinha da roça vai entender dessas coisas?

— Ora! — replicou Phoebe. — Sou eu que faço todas as compras da família no armazém da nossa aldeia. E tenho muito jeito para isso. Sempre me saí muito bem. Essas coisas a gente não aprende. Acho que é um dom natural. Devo ter herdado de minha mãe — acrescentou, sorrindo. — Você vai ver que sou tão boa vendedora como dona de casa.

A solteirona caminhou disfarçadamente atrás de Phoebe e ficou espiando do corredor, para ver como ela se arranjava na loja. Uma mulher muito velha, vestindo uma blusa curtinha e uma saia verde, com um cordão de ouro no pescoço e algo que parecia uma touca de dormir na cabeça, levava grande quantidade de fios de algodão ou de lã para trocar por mercadorias da loja. Provavelmente, era a única pessoa na cidade que ainda punha em constante revolução uma roda de fiar, outrora tão conceituada.

Valia a pena ouvir a voz de taquara rachada da velha e a maviosa voz de Phoebe misturando-se na conversa; e era mais interessante ainda observar o contraste de suas figuras: uma tão jovem e tão esbelta, a outra tão decrépita e tão gasta, separadas apenas, em um certo sentido, pelo balcão, mas, em outro sentido, por mais de sessenta anos. Quanto à barganha, foi a manha e astúcia da velhice contra a franqueza e a sagacidade natas.

— Não foi um bom negócio? — perguntou Phoebe, dando uma risada, depois que a freguesa se retirara.

*image
not
available*

conheci uma criatura humana que trabalhasse parecendo um anjo do Senhor como essa menina, Phoebe!

O elogio de tio Venner, embora pudesse parecer exagerado para a pessoa e a ocasião, se revestia, no entanto, em certo sentido, de sutileza e de verdade. Havia, mesmo, algo de espiritual na atividade de Phoebe. O decorrer daquele dia longo e trabalhoso — gasto em ocupações que facilmente assumiriam um aspecto mesquinho e feio — se tornara agradável, e belo mesmo, pela graciosidade espontânea com que aquelas tarefas vulgares pareciam escapar de seus limites, de maneira que o trabalho, quando executado pela mocinha, tinha o fácil e flexível encanto de uma diversão. Os anjos não trabalham, mas as suas boas ações escapam espontaneamente deles; assim fazia Phoebe.

As duas parentas — a jovem e a velha donzela — acharam tempo, antes do anoitecer, no intervalo do trabalho, de progredirem rapidamente rumo ao afeto e à compreensão. Uma reclusa como Hepzibah em via de regra mostra notável franqueza e uma afabilidade, pelo menos temporária, quando é encurralada e obrigada a chegar ao ponto de manter comunicação pessoal; como o anjo com quem Jacob lutou, ela se apressava em abençoar, uma vez vencedora.

A velha dama mostrou-se melancólica e orgulhosamente satisfeita em levar Phoebe de aposento em aposento da casa e recontar as tradições com as quais, se assim se pode dizer, as paredes se achavam lugubrememente pintadas. Mostrou os entalhes produzidos pela espada do vice-governador na porta do quarto onde o coronel Pyncheon, um anfitrião morto, recebera os assustados convivas com uma careta horrorosa. O sombrio terror daquela careta, observou Hepzibah, permanecera, desde então, segundo se acreditava, assombrando o corredor.

A solteirona fez com que Phoebe trepasse em uma das altas cadeiras e observasse de bem perto o velho mapa do território dos Pyncheon na região oriental. No ponto que mostrou com a ponta do dedo, existia uma mina de prata, cuja localização exata era mencionada em um memorando do próprio coronel Pyncheon, mas somente deveria se

*image
not
available*

supérfluos. Havia algumas espécies de plantas de jardim, plantadas ou nascidas há muito tempo, que, se não se encontravam em pleno florescimento, tinham sido cuidadosamente tratadas, com a eliminação dos parasitas, como se alguma pessoa, ou por amor às plantas, ou por simples curiosidade, estivesse se esforçando para torná-las tão perfeitas quanto poderiam ser. O resto do quintal era ocupado por uma horta, com um bem selecionado conjunto de legumes e verduras em apreciável estado de desenvolvimento. Pés de abóbora quase apresentando já seus frutos dourados; pés de pepino, com a sua tendência de se espalharem para longe; duas ou três filas de pés de vagem, e muitos outros mal saindo da terra; tomateiros ocupando um lugar tão bem protegido e tão bem ensolarado que as plantas já estavam enormes e prometiam uma abundante colheita.

Phoebe ficou imaginando quem teria cuidado daquela horta com tanto carinho, plantando e conservando as plantas em bom estado. Sem dúvida alguma, não fora a sua prima Hepzibah, que não tinha gosto nem disposição para a ocupação de cultivar flores, mais adequada às damas de qualidade, e — com os seus hábitos de reclusão e sua tendência de se enfiar dentro de casa — dificilmente teria saído ao ar livre para cortar ervas daninhas e plantar abobrecas e pés de vagem.

Em seu primeiro dia de completo afastamento das coisas rurais, Phoebe encontrou um inesperado deleite junto daquele relvado e daquelas folhagens, das flores aristocráticas e das plebeias hortaliças. Os olhos celestes pareciam estar olhando para baixo, satisfeitos por perceberem que a natureza, em todas as outras partes vencida e expulsa da poeirenta cidade, ali conseguira conservar um refúgio. O lugar adquirira um ar pitoresco um tanto selvagem, e, no entanto, muito agradável, pelo fato de um casal de tordos ter construído seu ninho na pereira e se mostrar alegre e ruidoso no escuro labirinto das ramagens.

Também abelhas — era curioso constatar — tinham achado que valia a pena esvoaçarem por ali de um lado para outro, vindas talvez de colmeias situadas em fazendas a milhas de distância. Quantas viagens

*image
not
available*

uma venda em um dos olhos, por assim dizer. Mas não gostaria de ver um exemplar de minhas produções?

— Uma figura em daguerreótipo, está querendo dizer? — redarguiu a jovem, com menos reserva, pois, apesar do preconceito, a sua juventude ansiava para se encontrar com a dele. — Não gosto muito de imagens desse tipo: são muito duras, muito rígidas. Além disso, afastam-se dos olhos e tentam fugir inteiramente. Sabem que têm o aspecto pouco amável e detestam que a gente as veja, portanto.

— Se me permite — disse o artista, encarando Phoebe —, gostaria de verificar se o daguerreótipo pode imprimir feições desagradáveis a um rosto perfeitamente amável. Mas concordo que há verdade no que diz. A maior parte dos retratos que tiro mostra uma fisionomia desagradável; mas acho que o único motivo é o fato de acontecer o mesmo com o original. Há uma percepção maravilhosa na larga e simples luz solar do céu. Embora lhe atribuamos apenas a capacidade de retratar a mera superfície, na realidade ela revela o caráter secreto, de uma maneira à qual pintor algum jamais se aventurou ou sequer pôde perceber. Pelo menos, não há lisonja em minha humilde expressão artística. Há uma imagem que tirei repetidas vezes, mas nunca com melhor resultado. No entanto, aos olhos comuns, o original apresenta uma expressão de todo diferente. Eu gostaria muito de saber a sua opinião a respeito.

E, assim dizendo, o rapaz mostrou uma miniatura, em uma caixinha de marroquim. Phoebe apenas lhe lançou um olhar e devolveu-a.

— Conheço este rosto — disse. — De fato, o seu olhar severo me seguiu durante todo o dia. É meu antepassado puritano, o retrato que se encontra na sala de visitas. É verdade que o senhor encontrou um meio de copiar o retrato sem o solidéu de veludo preto e a barba grisalha, e ainda o meteu em um terno moderno e com uma gravata de cetim, em vez de seu manto e sua faixa. Não acho que o retoque o melhorou.

— A senhorita teria notado outras diferenças se tivesse olhado durante algum tempo mais — retrucou Holgrave rindo, embora aparentemente chocado. — Posso lhe assegurar que esta é uma

*image
not
available*

Que instrumento é a voz humana! Como é sensível a todas as emoções da alma humana! No tom da voz de Hepzibah, naquele momento, havia como que uma rica profundidade e lentura, como se as palavras, por mais banais que fossem, tivessem mergulhado no fundo do seu coração. E, enquanto estava acendendo o lampião na cozinha, Phoebe teve a impressão de que a sua prima lhe falava de novo.

— Já vou agora mesmo, prima! — gritou a moça. — Estes fósforos, mal se acendem, se apagam logo.

Em vez, porém, de uma resposta de Hepzibah, pareceu ouvir o murmúrio de uma voz desconhecida. Era, porém, algo de estranhamente indistinto, parecendo menos palavras articuladas do que um som informe, tal como seria uma expressão de sentimento e afinidade, e não do intelecto. Era tão vaga que a impressão ou eco que deixou no espírito de Phoebe foi a de irrealidade. E chegou à conclusão de que deveria ter confundido algum outro som com a voz humana; ou então que tudo não passara de mera fantasia sua.

Deixando o lampião aceso no corredor, entrou na sala de visita. O vulto de Hepzibah, embora o seu contorno escuro se misturasse com a penumbra do crepúsculo, se achava menos imperfeitamente visível. Nas partes mais afastadas da sala, porém, com as paredes tão mal-adaptadas a refletirem a luz, a escuridão era a mesma de antes.

— Você falou comigo, minha prima? — perguntou Phoebe.

— Não, minha filha! — foi a resposta.

Menos palavras do que antes, mas trazendo a mesma música misteriosa! Suave, melancólico, embora não doloroso, o tom de voz parecia vir das profundezas do coração de Hepzibah, imbuído de profunda emoção. Também havia nele um tremor, que — como todo sentimento forte, era elétrico — em parte se transmitiu a Phoebe. A jovem ficou calada por um momento. Como, porém, os seus sentidos se achavam muito aguçados, tomou consciência de uma respiração irregular em um canto escuro da sala. Além disso, a sua disposição física, ao

*image
not
available*

seu próprio coração estivesse sendo assado e toda a felicidade consistisse em saber virá-lo no momento exato!

A vida, no interior da casa, apresentava poucas perspectivas mais agradáveis que a de uma mesa de almoço bem arrumada e fartamente servida. Vamos procurá-la no começo do dia, e quando os nossos elementos espirituais e sensuais se acham mais de acordo que em um período posterior; assim, os deleites materiais da refeição matinal se mostram em condições de serem plenamente apreciados, sem qualquer censura prejudicial, de ordem gástrica ou ditada pela consciência, porque afetam favoravelmente o departamento animal de nossa natureza. Também os pensamentos, que correm em torno do círculo de gente da família, apresentam um sabor picante e uma jovialidade que raramente se encontram entre a compenetrada conversa de um jantar de cerimônia.

A antiga mesinha de Hepzibah, apoiada em seus esbeltos e graciosos pés e coberta com uma toalha de finíssimo damasco, parecia digna de ser o cenário e o centro da mais alegre festividade. O cheiro do peixe assado se levantava como o incenso do altar de um ídolo bárbaro, cuja fragrância teria deleitado as narinas de um lar tutelar ou de qualquer divindade que tivesse pairado sobre uma moderna mesa de almoço.

Os bolos de milho de Phoebe foram as mais doces oferendas — dignos, com seu aspecto convidativo, de figurarem nos rústicos altares da inocente Idade de Ouro. E, por outro lado, tão brilhantemente amarelos eram que pareciam o pão que se mudara em outro brilhante depois que Midas tentou comê-lo. A manteiga também não fora esquecida; manteiga que a própria Phoebe fabricara em seu lar campesino e levara para a prima como uma dádiva propiciatória, cheirando a folhas de trevo e espalhando o encanto de um cenário pastoril na sala de paredes escuras. Tudo isso com uma singular exibição de velhas xícaras e pires de porcelana, de colheres timbradas e uma leiteira de prata (o único outro utensílio de prata de Hepzibah e do mesmo formato da sopeira mais rude), tudo isso disposto em uma prateleira que os mais solenes convidados do coronel Pyncheon não precisariam achar ridículo ter

*image
not
available*

muito embora se refletisse nela a luz da razão — parecia tensa e oscilante, ou quase desaparecer e dificilmente se recuperar. Era como uma chamazinha que vemos oscilando entre brasas quase apagadas; olhamos para ela mais intensamente do que se fosse uma chama de verdade, mais intensamente, porém com certa impaciência, como se ela devesse ou atear-se em um esplendor satisfatório, ou se extinguir de uma vez.

Durante um momento, depois de entrar na sala, o visitante ficou imóvel, retendo a mão de Hepzibah, como faz uma criança quando é guiada por um adulto. Viu Phoebe, contudo, e se iluminou com o seu aspecto juvenil e atraente, que, na verdade, alegrava a sala, como o círculo de luz refletida em torno do vaso de vidro com flores exposto ao sol.

O homem cumprimentou, ou, mais exatamente, fez uma tentativa mal definida, abortiva, de se mostrar cortês. Por mais imperfeita que fosse, no entanto, trazia uma ideia, ou pelo menos fazia lembrar, uma elegância indescritível, tal como nenhuma arte praticada de comportamento social poderia alcançar. Era leve demais para ser percebida em um instante; no entanto, lembrada depois, pareceu transfigurar todo o homem.

— Prezado Clifford — disse Hepzibah, no tom de quem tranquiliza uma criança agitada —, esta é a nossa prima Phoebe, filha única de Arthur, você sabe. Ela veio do campo para ficar conosco durante algum tempo, pois a nossa velha casa ficou agora muito vazia.

— Phoebe? Phoebe Pyncheon? — repetiu o visitante, com uma expressão estranha, mal definida. — Filha de Arthur! Ah, me esqueci! Não importa! Tenho muito prazer!

— Venha, caro Clifford, sente-se aqui — disse Hepzibah, oferecendo uma cadeira. — Por favor, Phoebe, baixe a cortina um pouco mais. E, agora, vamos tratar de comer.

O visitante sentou-se no lugar que lhe era destinado e olhou em torno, com um modo estranho. Estava, evidentemente, procurando se ambientar, acomodar o espírito. Queria ter certeza, pelo menos, de que